



# alfabeto

d e P a u l V a l é r y

(Página deixada propositadamente em branco)

# alfabeto

de Paul Valéry

alphabet

li

.....

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Vendas online: <http://www.livrariadaimpresa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA

Carlos Costa

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

G.C. - Gráfica de Coimbra, Lda

ISBN

978-989-26-0018-5

ISBN Digital

978-989-26-0174-8

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0174-8>

DEPÓSITO LEGAL

310371/10

Édition française: "Alphabet"

© 1999, Librairie Générale Française

© MAIO 2010, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# alfabeto

de Paul Valéry

alphabet

PREFÁCIO DE MICHEL JARRETY

TRADUÇÃO DE CRISTINA ROBALO CORDEIRO

REVISTA POR ALMEIDA FARIA

Michel Jarrety

Como algumas outras obras de Paul Valéry, *Alfabeto* nasceu de uma encomenda. Quando, em finais de 1924, René Hilsun, amigo de André Breton que dirige as Edições “Sans Pareil” onde acaba de publicar o *Manifesto do Surrealismo*, lhe mostra, na sua livraria parisiense da Avenida Kléber, perto do Arco do Triunfo, vinte e quatro letras que acaba de adquirir, gravadas pelo pintor catalão Louis Jou, surge a ideia de lhes fazer corresponder vinte e quatro poemas em prosa cuja inicial fosse cada uma das letras, exceptuando o K e o W, levando Valéry a acrescentar-lhe ainda as vinte e quatro horas do dia. Se aceita de bom grado esta proposta, é certamente movido pelo mesmo gosto pelo constrangimento formal que, quatro anos antes, o levava a aceitar escrever um diálogo sobre arquitectura, *Eupalinos*, para o qual lhe era pedido que utilizasse exactamente 118 800 letras; mas é também com certeza porque, depois da morte de Édouard Lebey, antigo dono da Agência Havas de quem era secretário, precisa de viver da sua pluma.

Rapidamente a tarefa se revela difícil. No mês de Março de 1925, quando se encontra em Giens, no sul de França, em casa da sua amiga condessa Martine de Béhague, começa a trabalhar sem muito sucesso, escrevendo então à sua mulher: “O *Alfabeto* m’----; avança com infinita dificuldade. Não sei como o preencher.” Mas subitamente, alguns dias mais tarde, a colectânea arranca finalmente: Valéry abre o Caderno de escola cor rosa velho sobre o qual pinta a negro o título *ABC*, seguido das iniciais. A página de direita é consagrada ao primeiro estado do poema, e a de esquerda

acolhe notas e croquis. Esboça os primeiros textos até à letra Q e continua o trabalho alguns dias mais tarde em Roquebrune, em casa do pintor Simon Bussy junto de quem havia sido introduzido por André Gide. No mês seguinte, residindo então com o irmão Jules, em Montpellier, na casa onde passara a juventude, ei-lo tomado pela febre do trabalho: desencanta uma pequena máquina de escrever e dactilografa as primeiras versões dos seus poemas — versões que se vão pouco a pouco ampliando. A colectânea avança então de forma surpreendente e, a 10 de Abril, Valéry anuncia à mulher: “O *Alfabeto* vai na letra V e faz-se erótico.”

Todavia, o escritor deixara-se tomar por uma grande liberdade face à estrutura perfeita que havia previsto alguns meses antes, e o Caderno ABC só de longe escande o ciclo regular das horas que desejava respeitar, e desenha simplesmente alguns momentos maiores: a divisão do ser que se olha a dormir, o despertar longamente modulado, a espera da Ideia que vai surgir, a refeição do almoço. Mas não são senão poemas desligados de qualquer consecução rigorosa, enquanto o período da tarde, ao invés, desde a entrada em cena de uma figura feminina, se compõe em sequência de momentos afectivos que convergem para a união amorosa que acaba por se realizar na letra V, evocada na carta escrita à mulher. Estes primeiros pontos de referência não desaparecerão e, alguns meses mais tarde, em Outubro, numa página dos seus *Cahiers*, traça um plano da constelação Orion que evocará o poema da letra X. Mas este início demasiado espontâneo vai pesar sobre

o destino do livro e, por mais que Valéry venha a esboçar planos para melhor fazer corresponder o ciclo das horas ao das letras, estes quadros permanecerão lacunares e a falta de estrutura será a causa maior do seu inacabamento.

Quando a revista da princesa Marguerite de Bassiano, *Commerce*, que dirige, desde há um ano, com dois amigos escritores, Léon-Paul Fargue et Valéry Larbaud, publica as três primeiras letras da colectânea, justamente durante esse Outono de 1925, Valéry tem ainda a ambição de levar a cabo *Alfabeto*, cujo aparecimento próximo nas Edições “Sans Pareil” a revista anuncia. Mas se o projecto continua a solicitá-lo, é sobretudo porque nele deseja evocar uma relação afectiva que não é separável da sua experiência privada, acabando o essencial da colectânea por ser escrito num momento em que Valéry se encontra intimamente ligado a uma mulher ainda jovem, Catherine Pozzi, que conhecera em 1920. Da letra M à letra V, as diferentes peças que acaba de escrever guardam secretamente o rasto da sua presença, em difícil alternância de proximidade desejada e de distância dolorosamente sofrida, de que é testemunho a belíssima letra O. Sem dúvida que importa pouco dar a uma figura que designa qualquer mulher possível um nome real que deve ser deixado à intimidade de Valéry. O que não impede o texto de por ela ter sido profundamente marcado. Várias notas — “Alfabeto a espera no amor”, “Alfabeto da ternura” — inscrevem claramente Eros no próprio coração da colectânea, e a paixão que este Alfabeto

reflecte não é menos atravessada pelo desespero do que a que prende o escritor a Catherine. E, no início de 1928, é justamente a ruptura entre ambos que vai pesar sobre o destino de um livro fechado doravante sobre um passado doloroso de reanimar.

Se Valéry, durante esse Verão, retoma vagamente o dossier dos seus poemas, é porque René Hilsum, depois de quatro anos de espera, começa a impacientar-se. Em 13 de Julho de 1928, envia-lhe uma carta de delicadas mas firmes queixas, a que Valéry responde um pouco rapidamente demais: “Saiba que o Alfabeto não deixa de me preocupar. Peguei-lhe e voltei a pegar-lhe em cada réstia de sol. Atinjo, parece-me, o momento em que poderei atacá-lo de vez e chegar à decisão”. Afirmação bastante imprudente, pois que, no ano seguinte, quando o editor, para ir acalmando a paciência dos subscritores, lhe pede autorização para publicar a carta no seu boletim de informação, *Plaisir de bibliophile*, Valéry só lha concede com a condição de que suprima a última frase que julga demasiado presunçosa<sup>1</sup>.

O *Alfabeto* está ligado a uma paixão amorosa, e não é com certeza por acaso que Valéry não volta a ele senão no Outono de 1931, quando uma outra paixão acaba de nascer. Uma ternura muito rapidamente transformada em dor o liga desde há uns meses a uma mulher ainda mais jovem, Renée Vautier, que desde o início do ano começara a esculpir o seu busto, e o desespero em que o mergulha a sua recusa em ceder a uma intimidade total reanima nele o sentimento de pungente tristeza desde há muito

ligado, para o escritor, ao Outono tanto quanto ao anoitecer. Uma segunda estrutura aparece então e, ao ciclo das horas, sobrepõe-se discretamente o das estações do ano: depois dos poemas que evocam visivelmente o calor do Verão – o mar pressentido, o brilho da luz mediterrânica na letra J – Valéry associa claramente à letra R o Outono cuja “alta tristeza” se liga à “ternura pelo terror medonho”, antes que a observação dos astros, na letra X, evoque possivelmente o Inverno pela imagem do rosto apoiado “no vidro gelado”. O que se desenha assim numa sucessão de sequências que acolhem, num espaço onde espontaneamente surge, de novo, o Mediterrâneo dos seus anos de juventude e onde acaba de passar uns dias – a luz e o mar; a transparência do ar e a terra escaldante, a profundidade nocturna e o brilho perturbador das estrelas – resume-o uma nota do dossier: trata-se de uma *cosmocronia*.

Publicado na *Revista de França*, a 1 de Janeiro de 1932, juntamente com três outras peças da colectânea, este poema da letra R precisamente ligado – di-lo a inicial do nome – a Renée, Valéry afasta-o visivelmente de Catherine Pozzi que não voltara a ver. No entanto, o volume continua em repouso. Se volta a pensar nele no Verão de 1935, e para ele escreve uma espécie de prefácio, está agora completamente desligado de qualquer compromisso face ao seu editor: vítima de sérias dificuldades financeiras, René Hilsum fora obrigado, nesse ano, a fechar a sua casa editora. Mas Valéry gostaria de acabar

o Alfabeto, e pede então a uma amiga, Lucienne Julien-Cain mulher do administrador da Biblioteca Nacional de Paris, para lhe dactilografar o que já escrevera. Esforçando por regressar à escrita, acaba por confessar a um amigo, em 26 de Agosto, que a colectânea “aqui está, avariada, inexistente formada de arrependimentos e de possibilidades murchas”<sup>2</sup>. No Verão seguinte, nos seus *Cahiers*, faz ainda, numa página inteira, uma nova lista das vinte e quatro letras, mas, em face delas, os pontos de interrogação não são menos numerosos do que a menção “concluído”<sup>3</sup>. Encarando ainda a possibilidade de publicar o livro, escreve todavia à sua amiga Edmée de La Rochefoucauld, a 14 de Agosto, enquanto descansa no Midi: “E eu para aqui a ruminar vagamente, procurando pela 30ª vez escrever a letra E do meu alfabeto.”<sup>4</sup> Depois, é a Lucienne Julien Cain que confia alguns dias mais tarde: “O ALFABETO está mesmo abandonado: dorme melhor do que eu!! Mas, antes de ontem, tomado de certa loucura, imagine que bruscamente comecei a construção de uma espécie de cenário. Nele trabalhei com uma liberdade divertida durante XLVIII horas... coisa estranha em mim! Mas sinto já o meu primeiro zelo esmorecer.”<sup>5</sup>

Ora, foi sobretudo justamente um plano rigoroso que lhe fez falta, e Valéry nunca mais voltará a *Alfabeto*. E no entanto, tal como hoje o lemos, o seu *dossier* oferece um livro completo, e talvez mesmo demasiado completo, se pensarmos que a certas

letras correspondem várias versões pelas quais o escritor não soube decidir-se. O que *Alfabeto* nos desvenda são, isso sim, os dois pólos entre os quais se manteve, em Valéry, uma tensão muitas vezes não resolvida: por um lado, o da perfeição fechada que desenha o ciclo das horas, e, por outro, o da variação dos possíveis de que a existência, por vezes, de duas versões da mesma carta, dá testemunho. Deste inacabamento, nada perpassará todavia nos poemas que leremos mais adiante. Um livro oferece-se verdadeiramente a nós, um livro que diríamos acabado se ignorássemos a história da colectânea, um livro também onde se revela o que chamarei o *ser puro* de Valéry, isto é, fora de qualquer referência à realidade social ou histórica onde se encontrava envolvido, fora de qualquer menção de um tempo ou de um lugar referenciáveis, a presença de um espírito e de um corpo face a si, face à presença de uma secreta figura feminina, mas também face ao mundo — bem junto de uma sensualidade e de uma inquietude onde se revela a profundidade existencial que estes poemas não deixam de desvendar.

---

1 Carta inédita de René Hilsum, 13 de Julho de 1928, arquivos da família Valéry. A resposta, datada de “sábado”, é provavelmente escrita no dia seguinte, ou no sábado 21. É publicada em *Plaisir de bibliophile*, gazeta trimestral de Sans Pareil, n.º 18, Julho de 1929.

2 Carta inédita de 26 de Agosto de 1935 a Julien-Pierre Monod, colecção particular.

3 C.XVIII,181.

4 Carta inédita à duquesa de La Rochefoucauld de 14 de Agosto de 1936, arquivos da família Valéry.

5 Carta inédita a Lucienne Julien Cain de 25 de Agosto de 1936, Tóquio, Universidade Keio.

Cristina Robalo Cordeiro

O estudo da recepção de Valéry em Portugal está ainda por fazer. Recordemos as palavras de David Mourão-Ferreira em *Discurso Directo*, evocando a descoberta que fez da prosa do poeta de *Charmes* e de *La Jeune Parque*: “Era, aos dezoito anos, a revelação de um estilo de ideias, rigoroso e plástico, admiravelmente límpido e sortílego, transparente como as águas de um mar de milenária cultura...” Uma tal caracterização prepara-nos bem para a impressão que não pode deixar de nos causar a leitura de *Alphabet*. Abstracção e sensação cruzam-se e parecem trocar atributos: o inteligível faz-se sensível e o sensível inteligível.

O próprio Valéry, no projecto de prefácio que abre o volume, evoca as circunstâncias fortuitas e as condições lúdicas da preparação desta obra breve onde põe à prova a sua concepção da poesia abstracta. Obra breve, sublinhe-se, à semelhança de todas as obras publicadas durante a vida do autor, mas não dos célebres *Cahiers* póstumos que, em cerca de trinta mil páginas, atestam o trabalho de um espírito fascinado pela reflexividade. E no entanto, *Alphabet* compõe uma espécie de microcosmo onde vem espelhar-se o imenso universo dos *Cahiers*. Do alvor de Rimbaud ao nocturno de Mallarmé, é toda uma viagem recapitulando o devir da poesia simbolista, e também uma “jornada” que percorre o Homem na construção do seu dia, entre dois misteriosos e turvos instantes, o da chegada da luz e o do mergulho nas trevas. Aqui, o ser desperta, ergue-se, passeia, reflecte, vive, e a sua consciência

desdobrada olha-o como se ele fosse o mesmo e um outro, actor e espectador de si, em ambígua e lúcida reflexividade.

Verter o texto de Paul Valéry, a matéria e o espírito de que é feito, exigiu empatia e liberdade, para sentir por dentro as palavras, na sua transparência e na ambiguidade do que dizem, do que querem significar ou escondem, e para, sem contradição, jogar com formas e sentidos segundo a lógica da língua que agora os acolhe.

Legítima esta tradução a preocupação de guiar o público português até um autor considerado difícil<sup>1</sup>. Espero que, como aconteceu comigo, o leitor seja subjugado pela sensualidade deste texto onde um filósofo artista se oferece na sua intimidade, por assim dizer, universal. *Alphabet*, mais ainda do que uma “festa do intelecto”, é uma exaltação da literatura, uma apoteose da “Letra”.

---

<sup>1</sup> Michel Jarrety, professor na Sorbonne, publicou em 1999 a primeira edição, completa e anotada, de um texto ainda inédito de Paul Valéry: *Alphabet*. Remetemos o leitor português para esse volume. Michel Jarrety, *Alphabet*, Paris, Classiques de Poche, Le Livre de Poche, 1<sup>a</sup> ed. 1999 que contém, acompanhando o texto original, comentários que esclarecem melhor a génese e os avatares do poema.

# alfabeto

de Paul Valéry

## História deste Alfabeto Ilustrado

Há já alguns anos, foi-me pedido que escrevesse vinte e quatro peças em prosa (ou em verso variado) devendo a primeira palavra de cada uma começar por uma das letras do alfabeto.

Alfabeto incompleto? Certamente. Tratava-se de utilizar vinte e quatro letras ornamentadas, gravadas em madeira, a publicar com a ajuda de *alguma* Literatura, pretexto e causa aparente do álbum concebido.

Estas condições não me repugnaram.

O escultor tinha omitido duas letras, as mais embaraçosas e aliás as mais raras em francês: o K e o W. Ficavam XXIV caracteres.

Veio-me à ideia ajustar essas vinte e quatro peças às vinte e quatro horas do dia, a cada uma das quais se pode facilmente fazer corresponder um estado e uma ocupação ou uma disposição de alma diferente. *Parti pris* muito simples.

o princípio será o Sono. Animal profundamente adormecido, morna e tranquila massa misteriosamente isolada, arca fechada e cheia de vida que transportas para o dia a minha história e o meu possível, ignoras-me, conservas-me, és a minha permanência inexprimível: o teu tesouro é o meu segredo. Silêncio, meu silêncio! Ausência, minha ausência, ó minha forma fechada, abduco de qualquer pensamento para te contemplar com todo o meu coração. Criaste uma ilha de tempo, és um tempo que se desligou do enorme Tempo onde a tua duração indefinida subsiste e se eterniza como um anel de fumo. Não há mais estranho, mais piedoso pensamento, não há maravilha mais próxima. O meu amor perante ti é inesgotável. Inclino-me sobre ti que és eu próprio, e não há troca alguma entre nós. Esperas-me sem me conheceres e faço-te falta para me desejar(es). Não tens defesas. Quanto mal me fazes com o barulho da tua respiração! Sinto-me, tão perto de ti, cativo da incerteza do teu suspiro. Por entre essa máscara abandonada exalas o murmúrio da existência estacionária. Escuto a minha fragilidade, e a minha estupidez está perante mim. Homem perdido nos teus próprios caminhos, desconhecido na tua própria casa, munido de alheias mãos que agrilhoam os teus gestos, estorvado por braços e pernas que te entavam os movimentos, não conheces sequer o número dos teus membros e perdes-te longe deles. Os teus olhos teceram as suas próprias trevas onde trocam o nada pelo nada, e neles a noite olha a noite. Ai! como cedas

à tua substância e te conformas, cara Coisa viva, ao peso do que és! Que fraqueza te dispôs, quão ingenuamente me apresentas o meu rosto de menor resistência! Mas sou o acaso, a ruptura, o signo! Sou a tua emanção e o teu anjo. Há apenas um abismo entre nós, que não somos nada um sem o outro. O meu vigor em ti está disperso, mas em mim toda a esperança da esperança. Uma série de modulações insensíveis suscitará a minha presença da tua ausência, o meu ardor, dessa inércia, a minha vontade, dessa plenitude de equilíbrio e de abatimento. Aparecerei aos meus membros como um prodígio, expulsarei a impotência da minha terra, ocuparei o meu império até às unhas, as tuas extremidades obedecer-me-ão e entraremos audaciosamente no reino dos nossos olhos... Mas ainda é cedo para renascer. Ó! repousa ainda, repousa-me... Tenho medo de voltar aos pensamentos nefastos. Esperemos separados que o trabalho ingénuo e monótono das máquinas da vida desgaste ou destrua grão a grão a hora que nos divide ainda. Fui, és, serei... O que vier a ser deduz-se docemente do que já não é. Eis porque a minha ternura ansiosa paira sobre ti... Ora, essa Coisa agita-se e essa forma muda de forma, e os lábios que parece estender a si mesma desenham o acto de um discurso. Ninguém a ninguém o pronuncia, e há um apelo, um amor, um pedido suplicante, um chilreio isolados no universo, e sem laços, e sem alguém ou algum outro... Há ensaios de luz, desastrados esforços de ressurreição. Vamos! Eis a *minha* fadiga, o milagre, os corpos sólidos, os meus desassossegos, os meus projectos e o Dia!

**B**aldeando as sombras e o leito, aconchegado, descansado, dividindo, repelindo as ondas do vago lençol, o ser liberta-se finalmente daquela terna desordem. A virtude de ser Ele percorre-o.

Ser Ele toma-o como uma surpresa, ora feliz surpresa, ora imensa desgraça. Quantas vezes o despertar quereria não ser senão sonho!.. Mas de repente a unidade apodera-se dos seus membros, e da nuca aos pés um evento faz-se homem. *De pé!* Grita todo o meu corpo, *é preciso romper com o impossível!...* De pé! O milagre de estar em pé acontece. O que há de mais simples, de mais inexplicável do que esse prodígio: Equilíbrio? Surge, agora, caminha, persegue os teus desígnios no espaço, segue os teus olhares que levantaram voo no que vemos, penetra, com passos que possamos contar, na esfera da luz e dos actos, e compõe as tuas forças com os objectos que te

resistem... E a ti, abandono-te um momento, Doçura de não ser! Esquecerei o sono até à noite. De novo nos encontraremos logo à noite, jogos obscuros, monstros, cenas impuras, e vós, amores vãos!... Despojo-me agora do meu estado inconhecível. Ó quem me dirá como, através da inexistência, toda a minha pessoa se conservou, e que coisa me trouxe inerte, cheio de vida e carregado de espírito, de um lado ao outro do nada? Como é possível ousar adormecer? Que confiança na fidelidade do meu corpo, na tranquilidade da noite, na ordem e na constância do mundo!... Esta noite, voltarás, Ausência! Em breve reinareis de novo, medonha impotência desconhecida, fraqueza essencial, encanto invencível que prendes os teus olhos fechados às imagens... Não podemos virar-nos, presos na garga do sono, para apanhar em flagrante o *Símio que mostra os Sonhos...*

C

omo o tempo está calmo, e a jovem agonia da noite delicadamente se vai colorindo! Empurrando as portadas à esquerda e à direita num gesto incisivo de nadador, penetro no êxtase do espaço.

O ar é puro, virgem, doce e divino. Saúdo-vos, grandeza oferecida a todos os actos de um olhar, princípio da perfeita transparência! Que evento para o espírito uma tal vastidão! Queria bendizer-vos, ó todas as coisas, se fosse capaz!... No terraço que se abre por sobre as folhas, no limiar da primeira hora e de tudo o que é possível, durmo e velo, sou dia e noite, ofereço longamente um amor infinito, um receio sem medida. A alma sacia-se na fonte do tempo, bebe um pouco de trevas, um pouco de aurora, sente-se mulher adormecida, anjo feito de luz, recolhe-se, entristece-se e escapa-se sob a forma de pássaro até à ponta nua cujo rochedo rompe, carne e ouro, o pleno azul nocturno. Aqui perto uma laranjeira respira na

sombra. E subsistem apenas bem no alto algumas finas estrelas no extremo do olhar. A lua é esse fragmento de gelo fundente. Sei demais (de repente) que uma criança de cabelos grisalhos contempla antigas tristezas, meio mortas meio divinizadas, nesse objecto celeste de substância cintilante e moribunda, terna e fria, que insensivelmente se dissolverá. Contemplo-o como se eu não estivesse no meu coração. Outrora a minha juventude enlanguesceu e sentiu a emergência das lágrimas, à mesma hora e no mesmo encantamento da lua desvanecida. A minha juventude viu essa mesma manhã, e eu vejo-me ao lado da minha juventude... Dividido, como rezar? Como rezar quando um outro em mim escutaria a minha oração? É por isso que devemos rezar apenas com palavras desconhecidas. Entreguemos o enigma ao enigma, enigma por enigma. Elevemos o que é mistério em nós ao que é mistério em si. Há em nós algo de semelhante ao que nos ultrapassa.

D

entro do puro e brilhante sarcófago, suave é a água que repousa, morna e perfeita esposa da forma do corpo.

O nu livre e ligeiro dispõe-se e acalma-se. Tudo é fácil no fluido onde as pernas soltas são tão vivas quanto os braços. Nele o homem depõe a sua estatura, nele deita a altura toda do seu corpo, estica-se até ao extremo de si, sente-se igual ao sentimento do poder que tem de se distender. Com delícia, transpõe os seus pontos de apoio, um dedo basta para o suster e para ergue-lo, e as suas forças flutuantes, na massa calma do banho um tanto derretidas, sonham com anjos e algas. O peso do ditoso corpo mergulhado é quase insensível. Como o calor do seu sangue não é muito diferente do calor da água em redor, o sangue expande-se pela pele inteira. O corpo vivo pouco se distingue do corpo informe cuja substância toma o seu lugar a cada movimento. Uma pessoa mistura-se com a plenitude indefinida que a rodeia, alguém

se sente dissolver-se docemente. O corpo inteiro agora não é senão um sonho agradável que vagamente o pensamento teve. O suave momento mira-se e vê-se com membros límpidos debaixo do vidro da água. O que olha e fala consigo mesmo maravilha-se com a grandeza e a simetria dos membros que domina, e a cabeça pesada brinca com *algum* pé que vem a aparecer longe dela, que obedece como por magia. Observa um dedo que surge e se dobra, um joelho que emerge e volta a descer na transparência, como uma ilha oceânica que um capricho do fundo do mar traz à superfície e de novo submerge. A própria vontade e a liberdade geral do ser compõem-se na volúpia da onda.

Há talvez no ar lânguido e vaporoso um perfume cuja flor complexa interroga as lembranças, acaricia ou colora os desejos indistintos do ser nu. Os olhos perdem-se ou fecham-se. A duração sem contactos enfraquece. O espírito abre as veias num sonho.

**E**m presença da luz, e todavia fora dela, da janela alta, o Anjo do mundo inteiro, que anuncia com voz de azul e ouro, no limiar deste dia e do espaço livre, os céus, os campos, os mares, as planícies, os povos e os desertos, proclama e representa o resto e o Todo, afirma todas as coisas que são no instante agora e são como se não fossem. Em presença das minhas mãos, das minhas forças e das minhas fraquezas, dos meus modelos e fora deles, distinto dos meus juízos, a igual distância de todas as palavras e de todas as formas, separado do meu nome, despojado da minha história, sou apenas poder e silêncio, não faço parte do que é iluminado pelo sol e as minhas trevas não me pertencem. Assiste-me o meu silêncio, a minha abstenção é plenitude. Assim como o punho fechado e endurecido contém a diversidade dos actos, assim eu me sinto e me vejo. O total das minhas palavras é mudo, o poder de exprimir, na sua força plena, resume-se e nega-se em mim. Num estado

de extrema possessão e concentração, mais geral do que a vida que a suporta, a minha alma, edificada acima dos seres e das ideias pela virtude do corpo repousado, sente-se igual em existência a todo esse mundo visível e possível que a envolve em multidão de imagens do sol e a obceca com tantos sinais de movimento. Até o conjunto latente das suas operações, até o secreto sentimento das suas infinitas virtualidades lhe parecem muito distintos de si mesma. O meu espírito pensa no meu espírito e os meus olhos consideram a minha mão. Imagino a quantidade dos usos e dos actos desta mão que são inumeráveis para nós, e tão pouco variados para ela... Ó momento, sou apenas pormenores fora de ti, sou apenas um fragmento do que posso, sou apenas *eu* fora de ti! Sublime instante, terraço do tempo, suportas através de um homem um olhar de universo, uma parcela do que é *contra* todas as coisas. Respiro inclinado sobre ti um poder indefinível, como o poder que está no ar antes da trovoadas.

F

az o que quiseres, belo Instante! Alma, cumpre o teu dever! Haverá esperança mais pura, diamante tão denso que possa reter o raio que na sua perfeita estrutura penetre, haverá parcela de matéria ou de vida no mundo mais preciosa do que este momento de presença e de silêncio na unidade das nossas forças e acima do nosso espírito, e que precede todo o pensar? Estar contido com todas as coisas num elemento singular, isolado em muda e majestosa espera, é divino! De que é então feito esse instante privado de palavra, esse fragmento de poder e de pureza, e como é possível que uma certa sensação seja a sensação de ser capaz de todas as outras? Não há pensamento mais elevado do que *isto*. Não sei o que se prepara, mas decifro o que se dispõe e sinto o que se escolhe. Tornar puramente possível

tudo o que existe. Reduzir ao puramente visível o que se vê, eis a obra velada da alma antes de se prender a qualquer objecto e de se ocupar com qualquer projecto. E é esta a sua resposta essencial, a vontade autêntica e a propriedade verdadeiramente absoluta. Belo instante, varanda do Tempo, hora eminente, suportas por meio de um homem um instinto de universo, um desejo do que foi antes de todas as coisas. Respiro sobre ti um poder que está no ar antes da tempestade! Espero uma presa que não deve nascer senão de mim. Ilumino os meus desertos semelhantes a espelhos de secura onde brotarão fontes e palmas.

Em segredo uma voz conhecida ensaia palavras desconhecidas, e as figuras implícitas que moram na minha estrutura e na minha substância atenta desenham-se, adivinham-se.

G

racioso, alegre, nobre dia, que agora me retiras das minhas fadigas, que retomas de mim os meus olhares, que me consolas os meus espíritos, falas com eles, transformas seus pesares em palmas, pois os atraís a jardins, a sombras, a suaves terraços povoados de confusas árvores negras e leves que a luz imensa acaricia e faz estremecer. Palpitam de prazer. Calam-se em mim as palavras interiores, dão lugar ao grito puro das aves. O mar longínquo é uma taça cheia de fogo muito perto da *minha alma*. Saboreio o horizonte cintilante poisado na folhagem, e os meus olhares são lábios que se não podem desligar desta coisa cheia deslumbrante. Os céus ao longe vertem a *chama* sobre as ondas. O fervor e o esplendor suspensos entre céu e mar são tão *intensos* que o bem e o mal, o horror de viver e a alegria de ser, brilham e morrem, brilham e morrem, plasmam a calma e o eterno.

Graças te peço, *Daimon*... Este momento assassina-me e todo eu sou trespassado de ideias. A minha cabeça estala e nela frouxas luzes se cruzam e combatem... Como é possível que tão ligeiras faíscas carreguem tanta esperança e certeza, e que a mais pequena duração seja precisamente a que se identifique com a maior potência de verdade para um só homem, e de injunção interior?

A minha cabeça rebenta de luz. Já não posso mais! Encho de rabiscos tantos bocados de papel, as costas dos cartões que as minhas mãos alcançam. Quantas coisas ao mesmo tempo... Já não posso mais suportar-me. Estafo-me. O espírito estafa-me. Estou ofegante, quase... Pergunto-me se este excesso existe porque asfixio, ou se asfixio por causa dele. Qual dos dois me atormenta, me persegue? A pressa espiritual consome-me, espicaça-me... É a caça do diabo, o *Daimon* transforma-se em Demónio.

(Página deixada propositadamente em branco)

**H**

*élas!* No mais alto lugar do seu poder e da sua glória, *hélas!* no ponto supremo, na morada mais elevada, nada escapando à sua luz, embato não no astro mas em mancha ardente tenebrosa e o alto deus tem para mim coração negro. Ausente é o sol em toda a sua força, invisível aquele que os olhos não podem suportar. Esconde-se no seu brilho, refugia-se na sua vitória. No topo da natureza viva encontrei o terror e a noite no centro das tuas chamas. Nas minhas mãos, no muro, numa página pura, uma mancha viva impõe-se horrivelmente, uma mácula sombria e violácea demora-se, uma ferida de púrpura renasce em face de mim sobre todas as coisas. Eis que a essência do visível devora o que se vê. Essa marca acusa-me. Fujo dela e assim me fujo. Desço para junto das flores, nos bosques, sob as árvores, transporto comigo o mal ardente. O fantasma do deus me afecta em cada flor. Jamais lavarei os meus olhares do crime de por eles ter vivido no sol.

(Página deixada propositadamente em branco)

**I**rrompe um odor de frutos e de molho quente. Há no ar uma alegria ingénua. A porta entreaberta admite um vapor de carne cozida, e cede perante uma mulher rosada e negra que traz o Manjar. O aroma soberano invade as almas presentes. O milagre da água acontece em todas as bocas. Os rostos brilham, as vozes soam... Um esfrega as mãos em frente do seu prato puro. O outro não despega os olhos desse bem fumegante que aí vem. O alimento temperado e preparado para desaparecer circula, inclina-se e vai de corpo em corpo oferecer-se. Em breve os onnipotentes espíritos da matéria desejável sobem à cabeça dos homens. A política e a literatura cintilam por entre o barulho das bocas e dos cristais. As línguas desdobram-se. Uma vida, uma bondade, uma malícia excessivas exaltam-se nos convivas, unindo-os, e gastam-se em palavras por entre tragos e colheradas.

O grande e belo cão, que está sentado entre duas pessoas, faz lembrar uma estátua da Espera. Seria um deus egípcio de basalto, se a sua cauda não batesse no chão. Nada é mais preciso do que o acto claro deste animal simples, e do que a dentada dessa imobilidade carregada de desejo, quando recebe os restos, osso ou cartilagem, que o homem não quer. O seu focinho, magneticamente preso pelos olhos ardentes ao único objecto dessa vida animal, é uma máquina infalível para tragar e fazer desaparecer todas as sobras da mesa humana.

Mas a boca por fim sacia-se de sabores: os morangos, o café, o tabaco sucessivos esgotaram-lhe os poderes, e a plenitude oprime-nos, reduz-nos a sorrisos que trocamos por entre os nossos fumos.

J

á um passo dou no terraço...

Entro em cena no meu olhar.

A minha presença sente-se igual e oposta a todo esse mundo luminoso que quer persuadir-me de que existe à minha volta. Assisto ao choque inteiro da terra e do céu. A hora quer prender-me e o lugar julga cercar-me...

Mas o lugar com a sua hora não é mais do que um incidente para o espírito — um acontecimento — um demónio como outro qualquer... Este dia inteiro, um demónio da minha noite pessoal.

Em vão o sol me obsidia com uma imensa imagem, maravilhosamente colorida, e me propõe todos os enigmas do visível... Há bem mais ofertas em mim, que não pertencem à terra nem ao céu.

Todo este belo dia, tão nítido, ornamentado, limitado por telhas e por palmas, e onde tanto azul, cumprindo a plenitude, fecha no zénite a forma augusta, não é para mim senão bolha efémera, quase cheia de objectos indiferentes.

Belo *Hoje* que tu és — *Hoje* que me rodeias — sou *Hoje* e *Amanhã*... Não és senão o que existe, e eu não sou nunca: sou apenas o que pode ser... Aqui, tudo o que brilha e vibra não sou eu.

Dou mais um passo no terraço...

Avanço, como um estrangeiro, na luz... Quem é mais estranho a si do que aquele que se sente ver o que vê?

O solo ardente e puro fixa-me e impõe-me o brilho da

extensão da sua nudez. Algumas jarras, bojos de sombra, são morada de folhas e de fogo. A oliveira secamente defende-se das faíscas que a irritam. Sobre um telhado rosa e dourado dormem quatro pombas: penso vagamente na sensação do seu corpo envolto na plumagem doce e quente pousada na argila morna, ó Vida...

Que me importa todo este país? Que me importa toda a terra? Mas que me importa ainda tudo o que vem ao meu espírito, tudo o que nasce e morre no meu espírito?

*O que eu vejo, o que eu penso* disputam entre si *o que eu sou*. Ignoram-no. Guiam-no: tratam-no como uma coisa... Serei eu a coisa de uma ideia e o brinquedo do esplendor de um dia?

E pergunto-me, no fumo do meu cigarro, se irei daqui a pouco até ao mar através das árvores, ou até ao monte cheio de rochas, ou então visitar alguns amigos em suas moradas, ou se deixarei correr simplesmente o tempo bom e límpido, a massa toda da tarde lenta e morna até à sua última réstia de luz? Hesito, desenho o possível e apago. Digo-me, meio inconscientemente, que os animais nada fazem que não seja útil. Mesmo os seus jogos são exercício necessário. Mas, em nós, o excesso de espírito perturba e difere todas as contas que a nossa vida tem com a sua duração. Ganhamos, perdemos tempo, o nosso saldo nunca é nulo. Sonho com esta estranha moeda. Escuto uma água que sussurra e segue não sei para onde. Um martelo não sei onde que martela não sei o quê...

**L**ogo a preguiça aumenta as minúsculas coisas próximas. Uma mosca de repente destaca-se da parede, cintila, já não é e renasce na minha mão.

Esse ponto vivo, ponto negro vivamente consumido, recriado, mudou de ponto de existência. És tu, Mosca, a mesma Mosca, a Mosca mesma que era? Quem jurará da tua identidade? Poderei eu verdadeiramente pensar (mas pensar até ao fundo do meu pensamento) que esse devir, essa destruição de insecto que o sol dissolve, transmitiu uma essência sem igual, um ser único, ainda que ínfimo, mas quem conta consigo próprio na mesa instantânea dos vivos? *O estranho dom de não ser outro* nela me encanta. Mas eu, tenho de confessar que a confundo com qualquer outra mosca. É essa a essência do pensar... Confundir todas as moscas. Mas como te conservas? Como te divides, sei lá em que pequenina alma , da causa e dos efeitos do teu movimento? Quando voas, mosca, sem dúvida não és senão voo, e quando poisas e giras, não és senão minúsculas trocas, sem passado, sem futuro, e como infinitamente accidental. Ó Mesmo e Não Mesmo, geras em mim uma cansativa, uma insustentável presença de questões... A vida salta de mosca em mosca... Adeus enigma, não avances mais na estrada venerável que não conduz a nada. O meu torpor, o meu estupor dourado

não podem agora suportar objecto algum de alguma duração. O sol, sem me ver, fixa-me duramente. O brilho esmaga-me. E a luz ofuscante que me circunda devora a forma toda das ideias que me nascem. Pelo barulho contínuo de uma água escondida que corre e se precipita não sei onde, oiço o meu sangue, o meu dia, o meu poder indistintamente derramados nas solidões da escuta, através das coisas presentes. E esse tempo ingénuo, que um ribeiro faz sonhar, atravessa coisas visíveis, e enquanto esse murmúrio segue o seu caminho na massa do momento, sinto a minha presença ausente e as minhas trevas no centro de tudo o que queima e se faz.

De repente parece-me que o ouro impõe uma sombra nos meus olhos, que as árvores profundamente verdes se tingem bruscamente de uma cor púrpura forte. O penoso calor inspira-me ou intima-me de súbito a sensação do extremo frio, e o meu abatimento, o meu estado de corpo sem forças deitado, desenha-me no espaço um ser cuja agilidade e potencialidades elásticas me ensinam a minha fadiga e a minha inércia. Compreendo que o que *é* tem o que *não é* como exacta resposta...

Teremos de interpretar todas as coisas sensíveis e reais como o faziam José e Daniel com os sonhos dos reis? Direi a mim próprio o que significa este sol, e que enigmas propõe tanta luz?

# M

il vezes senti já o Único...

Mil vezes, mais de mil vezes, a ideia cuja essência é ser único...

- Sempre lhe consentes não te reconhecer!...

Há então, na substância de um homem, uma virtude de apagamento, sem a qual um dia apenas bastava para esgotar e consumir o fascínio do mundo. Poderia um só pensamento anular o espírito?

Mas uma sede de conhecer, uma alegria de sentir vir a si alguma próxima Ideia - de sentir iluminar-se pouco a pouco um reino de inteligência - renasce indefinidamente das cinzas secretas da alma. Cada aurora é primeira. A ideia que vem cria um homem novo.

Mas como é possível que me ignore e me anule de tal forma que a esperança renasça e doure de novo os altos frontões da pura Promessa, os graus infinitos do Conhecimento, e esses altares misteriosos onde a nossa vida se verte em fumo perante os ídolos do Intelecto, onde actos espirituais e preces extraordinárias transformam o nosso amor, o nosso sangue, o nosso tempo, em obras e pensamentos?

Não estou eu habituado a surpreender-me, e não é a novidade a sensação que melhor conheço?

Talvez seja uma lei do espírito que ele deva desconhecer a mais simples das suas leis. Exige que nunca ao desejo nada se tenha assemelhado. Pois o desejo é todo ele poder, mas a lembrança de um poder é impoder, e o poder não é senão a minha presença ao mais alto grau.

Mas, enquanto o próprio momento do espírito aspira ao

que julga sem exemplo, e eu deposito a minha esperança em vivências singulares, cada batimento do meu coração diz de novo, cada sopro da minha boca volta a lembrar que *a coisa mais importante é a que mais se repete*.

Vejam-me aqui, tal como sou, banhando no ar indispensável. Este ar parece tão puro e deliciosamente fresco que o sinto fazer-me viver, em vez de viver sem pensar nele, e que a palavra tão vazia de ALMA, que tão levemente pronunciamos, toma aqui e agora o seu valor pessoal e universal. Também não ignoro a presença da terra sobre a qual poiso, ando e posso deitar-me, se quiser. Tudo isto é admirável, como a luz que me envolve de coisas verdadeiras ainda que longínquas. Encanto-me com todas estas riquezas em que nunca pensamos. Sinto que sou feito de tudo o que preciso e que possuo com que dormir se precisar de sono.

É dado aos homens não verem estes dons que lhes não faltam, nem este equilíbrio banal de que apenas distinguem, pela dor ou pelo extremo prazer, as fortes variações. O simples e o natural são as aparências mais enganadoras. A perfeição dos artífices que nos fazem viver é tal que a consideramos um esforço menor.

Tudo o que é preciso para ser está tão escondido quanto possível. Seria necessário inventar indefinidamente para seguir este pensamento até à sua raiz. Vai e vem. Olha e boceja. Quebra um ramo e chicoteia a árvore grossa. Talvez aconteça, como à própria árvore que forma um novo nó à medida que vai desabrochando, que a tua distração se fixe de repente e se endureça em nova ideia.

Minha dama, minha amiga, que proclamas que as tuas flores são belas, que me chamas a que venha respirá-las, pois não podes sozinha esgotar o prazer, o orgulho, a embriaguez que em ti derramam as tuas tantas rosas, dá-me tempo para chegar, dá-me tempo para pensar no que sobre elas te deva dizer. Deixa-me encontrar uma palavra que agrade ao teu gosto das flores... Que se me distraísse e apenas dissesse o que penso, pressinto que irritaria a vaidade que te dão... Que são para mim todos esses cálices de carne tenra, esses pequenos rostos inclinados? Não sei acarinhar maravilhas tão delicadas, tão sensíveis e tão frágeis... Gostas de flores, minha amiga, e eu gosto das árvores. Flores são coisas e as árvores são seres. Gosto mais do todo do que da parte. Vem adorar comigo essa grandiosa portadora de ramos e de folhas, esse grande ser isolado e completo. Nela, a estatura e o porte exaltam o meu olhar. Invoca, chama a árvore

da vida que está em mim. É eixo de um mundo onde irradia a sua existência, e sinto-o por mim próprio quando aprofunda até ao granito a sua ideia fixa da vida... Não vês como sustenta em toda a sua glória o exemplo e a lei pura de se fazer igual no espaço a todo o poder imperativo do tempo? Como responde à sua duração, como se aumenta e se sucede na distância! Não subsiste senão crescendo, e o número das suas folhas canta em surdina o que se passa no mar.

Árvore, árvore minha, *Amor* seria o teu nome, se me fosse dado nomear-te, ó estátua de uma sede constante, o teu vigor eleva-se em ti como o óleo entre as fibras e não cessas de te construir pois vives apenas de crescer. Pelo corpo ardente dos céus, pela carne do ar fresco e fluido, pelo que arde também, no alto, és chamada à altitude. Amo-te, gostaria de amar como tu, ser amado como tu amas, estremecer, crescer, perecer...

(Página deixada propositadamente em branco)

“N

ão, nada saberás, disse-me ela.

Pois nomeaste aquela que não deve ser nomeada. Coloco acima de todas as coisas a que não possuí nome. Em vão procuras surpreendê-la, e eu oponho-te o meu olhar. A árvore que te é querida, mandá-la-emos cortar se nela voltares a falar. Chegam-me as minhas rosas que pouco tempo duram.” Assim diz, e colhe, e me estende uma dessas flores delicadas e frias. Feito esse gesto, foi preciso deixar esse momento, afastarmos-nos ambos. O silêncio e os passos levaram um e outro a seguir o seu pensamento. E as duas almas muito se assemelhavam, pois cada uma se atormentava com o afastamento da sua irmã.

Ora, já então o dia se entregava todo à sua maturidade. Vê como ele espanta o teu coração, como é duro e incorruptível. Como te coloca de novo no meio das coisas. Faz de ti como um corpo sem alma. Se adivinhou os teus pensamentos, considera-te como um objecto que não pensa: Conheço-te mais claramente do que faço este cão e esta planta tão alta e tão profunda que eu próprio plantei.

Houve em certo tempo neste jardim como um abismo que vagueava pelas áleas, e dos dois lados do abismo a mesma coisa falava entre si e dois corações ignorantes um do outro batiam de forma sensivelmente igual.

O

ra, houve em certo tempo no jardim, e em certa duração infinita da vida de uma dor, houve como um abismo movente, andando, errando e parando na figura ordenada e perfumada deste jardim. Sobre a terra cinzenta e rosa, sobre as sombras e as luzes, por entre os tufos, no meio das árvores e dos arbustos das áleas, um abismo se movia como a sombra de uma nuvem. Um espírito vislumbrara-o, não o podendo os olhos ver. Havia como um abismo entre dois pensamentos que eram quase o mesmo, e dos dois lados do abismo uma mesma mágoa, ou quase a mesma. Pois duas almas divididas se aproximavam separadamente da sua semelhança, pois cada uma se atormentava pelo afastamento interior da outra, e a criava para si e em si a recriava indefinidamente como tormento, e tão depressa a fazia má de mais, como excessivamente amável.

Umaz vezes muito detestada e outras muito amada, o amor inquieto desenhava e rasgava a imagem!

Faz-se o silêncio entre nós. Um silêncio agora, feito de ambos, caminha com uma lentidão carregada de tensões invisíveis, um peso esmagador de separação, uma massa de amargura crispada, um bloco de ternura prisioneira da sua profundidade, e mais duro do que gelo para nenhum ponto do jardim, nenhuma preferência de flor, nem de árvore bela, nem de lugar mais aprazível do que qualquer outro. Passo a passo, lado a lado, idênticos e maus pensamentos, de corações igualmente apertados, de olhos e gargantas identicamente cerrados e secos, de olhares em mesma ausência dolorosa, de corpos cujas sombras se misturam no caminho, avançam, não no espaço, mas num tempo que deve acabar. É um abismo que se desloca sobre a terra, em plena luz.

P

ode ser que as muito amargas reflexões, quando enchem não sei que medida inconcebível, acabem por derrubar o coração. E talvez que a duração mística e dupla tenha esgotado a sua substância de maus sonhos e regresse do infinito. E talvez ainda que o tempo se aproxime em segredo, através dos nossos tristes pensamentos, para nos olhar no rosto. Já distraidamente sonhávamos o sonho de nos sorrirmos: Ah! Se fosse possível! E formávamos o rosto que respondesse, e presentíamos o limiar delicioso das lágrimas nascentes.

Basta então aos vivos que se julgaram eternamente separados o encontro dos seus olhos para que de repente estejam na alma um do outro. Reconhecem-se então como deuses, donos da vida e das verdades, e esses deuses mútuos trocam olhares, e afinam-se no instante sobre a urgência das suas existências!

(O que eu sou verdadeiramente em ti de repente olha-me pelos teus olhos.)

(A voz de um fala no outro, e o outro não pode impedi-la de se fazer ouvir.)

Q

ue terna luz banha o que a alma reconciliada contempla. O mais pequeno cambiante faz-se sensível, as cores parecem acabadas de nascer quando o suave fim dos tormentos vem restituir a vida à estranha criança que há em nós. Eis que ela acredita de novo no que vê. Uma pedra clara canta. A colina é uma carícia. A firmeza do solo é um grande milagre, tão seguro que parece inacreditável. Todo este momento é um diadema. A unidade deste instante é mais forte do que as forças interiores do mais duro cristal. Mas o coração compõe para si em silêncio um tesouro de lembranças futuras. Uma alegria de natureza desconhecida abunda e soergue toda a massa do que vive. Sente em si mais amor do que o que pode espalhar, mais mistério

do que o que existe nos céus, mais poder do que algum corpo poderá descarregar nos seus actos mais violentos.

E os olhos edificam-se na altitude, porque no céu lentamente se declara o fogo que destrói os dias, e os fenómenos da noite pronunciam-se, decompõem-se na inteira grandeza do templo dos olhares.

O ar, as nuvens e os cimos da terra monstruosa entregam-se às chamas ilusórias. Uma vaga e lenta Vénus vaporosamente composta passa nadando nos gritos dos pássaros, rosada, primeiro sonho do sol que adormeceu.

Tudo são coroas, guirlandas, troféus.

Palmas e plantas ardentes povoam os degraus gloriosos das montanhas desconhecidas.

**R**egressemos... O ouro desfalece, e todas as coisas pouco a pouco escurecem e se degradam. O solo fumega. Um diamante fura já na altitude. As moradas e as cúpulas de folhas amontoam-se e confundem-se, e toda a variedade da figura da terra insensivelmente se junta e se compõe num único rebanho de formas vagas e obscuras abatido de torpor. Em redor de nós, em breve, a profunda unidade das trevas será.

O mais puro do que existe, o mais puro abandona-nos e eleva-se. O alto céu lentamente declara-se universo. Alguma divindade divide-se do tempo, e todo o peso de um dia da nossa vida nos faz baixar a cabeça. O silêncio prende-nos, separa-nos, une-nos. Una é a lassidão.

As tristes sombras dos mais simples, dos maiores, dos mais amargos e vãos ou ingénuos pensamentos acompanham-nos. Graças ao entardecer, os mitos regressam, e tornam-se mais sensíveis e importantes do que todas as outras coisas.

Regressemos... Recorramos à chama e às lâmpadas. Senta-te perto de mim. As tuas mãos frias, os teus pés molhados em frente das brasas, os teus olhos sonham cintilações. A vida e a morte dançam e crepitam perante ti.

Eis chegado o momento em que não pensas em mais nada que não seja impossível de dizer. Inefável é o destino dessa duração.

Tudo aqui é doçura, aconchego, sabedoria e segurança. Sei bem, todavia, que sentes e presumes em ti a presença de todos os inimigos da nossa vida. *O que não existirá mais, o que existirá*, eis um e outro poder. E é por isso que tremes em frente da chama furiosa, e estás fraca e constrangida, inteiramente reduzida ao teu coração apertado, muda e lamentável no seio das formas da felicidade.

Sei, com inteira certeza, que todos os terrores dos homens, e os das crianças, os dos próprios animais, estão em ti por causa da hora. Há a idade, o organismo tão frágil, as trevas do lado de fora tão próximas, os contos e os monstros, os assassinos e os espíritos... Um homem vale bem pouco perante tais perigos que dela emanam, quando chega a noite. Sinto-o como se estivesse no teu corpo. É por isso que é preciso cair nos braços um do outro, e, com as pálpebras fortemente fechadas, apertar uma coisa viva, e esconder-se numa existência.

S

erve-te.

Haverá mais requintado alimento, carne mais saborosa e mais fresca?

Estes belos salmonetes deram apenas um salto, da onda para o lume.

O nosso pescador trouxe-os à cozinha, mal regressou do mar.

É preciso repetir.

É prazer meu ver-te retomar do que eu gosto.

Quero ver nos teus olhos agradar-te o que me agrada.

Tomo a minha fruição da tua, recebo-a do teu rosto, e sigo-a, como em segundo grau espiritual colocada.

Bebe com este peixe o vinho que te sirvo.

É simplesmente um vinho fresco, jovem, e sem experiência, mas apreciarás a seguir um Siracusa que não tem menos de oitenta anos.

Está no extremo das suas virtudes.

Já reparaste como os tão veneráveis vinhos têm poder sobre as lembranças?

São velhos deliciosos cheios de histórias e de sabedoria.

Cada gota dessas obras do tempo artista é maravilha complexa que desperta em nossos sentidos todo um sistema de harmónicas.

Dir-se-ia que esses vinhos essenciais picam e beijam ao mesmo tempo as diversas ninfas nervosas que têm os seus mil pequenos recantos na boca, sobre a língua, nas narinas.

Cada ano que viveram na cave acrescentou-lhes perfeição.

É preciso bebê-los antes que morram.

Um belo vinho tem uma vida durante a qual amadurece e se conserva em si mesmo.

O que releva da magia.

Há magia em todas as circunstâncias onde as coisas conferem espírito.

T

enho de repente a sensação de um silêncio e de um espírito nos pêlos da minha nuca. Mas quem está assim tão perto de mim que nem ousou virar a cabeça, nem tactear por detrás dela? Sei perfeitamente que agarraria a coisa viva que tu és, e que és um acontecimento que mudará toda a minha vida. Estás aqui, com todas as consequências inefáveis do beijo que tão próximo está e que nada agora pode deter. Que esperas? Esperas não poder mais esperar, e queres sentir em ti uma espécie de fatalidade. Os teus lábios sobre o meu pescoço cairão como uma pedra. E eu tenho a certeza, uma certeza de sonho, que tu estás, atrás de mim, com tudo o que vai acontecer, como num passado, como se uma coisa inteiramente concluída e que não existe ainda estivesse presente neste quarto. Virar-me-ei bruscamente para ti, logo que o momento que está em nós chegar. Quantos pensamentos, quantas profecias neste pequeno fragmento da minha duração... É por isso que o meu coração está preso. *Só mais um momento, Senhor carrasco...* O livro que tenho

à minha frente é ilegível, e a minha alma, sobre estas linhas onde os meus olhos se fixam sem esperança, espera o choque.

Tu és bela como uma pedra, e a tua forma fecha-se tão perfeitamente que convida as duas mãos a desposá-la e a segui-la, a retomá-la e a refazê-la, segundo as suas curvas e as suas massas, a sua doçura e a sua resistência, e esta plenitude fugidia que alucina indefinidamente o tacto. És tão bela que te crio. Ó que as minhas mãos comecem de novo o conhecimento da sua obra e que a criatura engendre o criador... O teu ombro excede qualquer palavra, a frescura, a firmeza, o equilíbrio do braço que levanto e beijo, e que me guia os lábios ao teu seio, a um dos alvos ou ciladas postos na forma de ti, para que a alma se deixe enredar e só tenha descanso quando cair e perecer na emboscada das emboscadas.

Abandono todo o pensamento. Todo o pensamento me abandona. Sinto que me transformo em mãos, em joelhos imperiosos, no meu tronco potente e nos meus rins prementes. É preciso que acaricie e que esmague, que mate e morra, que dome e domine subjogado.

U

ma propriedade essencial de um pensamento é esse poder que tem de atravessar outros pensamentos sem com eles se confundir, como as imagens ou as vozes dos convivas opostos se atravessam sem se perturbarem. Os pensamentos aparecem também no meio das circunstâncias menos adequadas e onde menos são esperados.

O corpo por vezes passa através da alma e um desejo voa como uma flecha atirada de um ponto da nossa carne para o próprio céu do nosso espírito. Uma dor, uma luz fura a substância do presente, a verdade mostra-se e foge através

de um sonho, o dia findo reluz, desenvolve-se e apaga-se uma vez mais numa fenda do dia: e a mim, no momento em que respirava sem consciência o perfume que basta para me tornar vãs todas as coisas não infinitas, e quando tinha apenas que esquecer para ser, que me abandonar para agir, uma ideia pura me apareceu, uma luz alheia à volúpia e toda estranha para a ternura. E com ela, logo depois, se instalou um bizarro sentimento de um certo anacronismo. Entre um momento tão doce, tão inquieto e tão obscuramente acontecido e este pensar de uma pureza desumana, a ausência de relação fez-me sorrir, fez-me bem e mal.

V

inde... Vem... É preciso finalmente sucumbir. Que as trevas surjam. Que a palavra ceda enfim aos simples sussurros. Não temos já nem nome nem rosto nem olhar. Aparência e espírito desvanecem-se... É que agora não há mais distância entre nós, e o que não é substância do desejo e presença premente não mais existe. Esqueci o teu rosto, e todos os caminhos da tua forma me são suavemente familiares. Não encontramos senão vida para agarrar, o momento já não distingue os nossos corpos, pessoas e passado foram apagados. A carícia forma a forma e segue a forma que cria, e desperta-a e acalma-a, prende-se à superfície da vida que envolve com passagens de cambiantes sucessivamente ternos, vagos,

precisos, imperiosos. O ser e o ser já não são senão forças na sombra. Há mãos, membros, massas, forças que se tateiam, se compõem, se convêm tacitamente, que se interrogam e respondem, como num colóquio da alma consigo mesma, em ternuras e impulsos, por inefáveis similitudes que se adivinham, por contrastes que se animam e se dissolvem, e tudo isto se confunde no sentimento extraordinário das energias que nascem e renascem e se excedem na aproximação e no contacto do único com o único, na partilha e na troca, no encaço do íntimo no íntimo, até à perfeição tão vizinha da unidade que é preciso uma espécie de morte pelo trovão para desatar este drama e restituir ao mundo este enlace.



nome do segredo, denominação da coisa desconhecida, vejo-te inscrito nos céus. *Bételgeuse*, *Bellatrix*, *Rigel*, *Kappa*, quatro extremos do X esquartejado sobre esta noite tão pura e populosa.

No centro da imensa figura, *Alnilam*, *Alnitak*, *Mintaka* são as jóias do nó que ata os membros da letra imaginária. Um signo algébrico brilha e palpita sobre a cintura do nosso mundo. A minha testa comprime-se contra o vidro que me separa das trevas, e o arrepio do frio que reina entre as estrelas percorre-me.

X! exclamei, que haverá de mais admirável?

Que ideia mais digna do homem do que ter denominado o que não conhece? Posso introduzir o que ignoro nas construções do meu espírito e fazer de uma coisa desconhecida uma peça da máquina do meu pensamento. Apoio a minha testa contra o vidro gelado. A questão do saber e do não saber parece-me eternamente suspensa perante o meu silêncio, e uma espécie de equilíbrio estacionário se estabelece entre o homem e o espírito do homem.

Y<sup>1</sup>

Haverá em mim, será possível que encontre, ó minha virtude de pensar, pelo teu acto desconhecido e imperceptível, alguma ligação, alguma troca, entre este céu semeado de pequenos corpos luminosos e o meu instante e a minha presença e este resto de amor que sobre mim está? Possa eu desses vivos vestígios,

---

<sup>1</sup> Vigésima quinta letra do alfabeto português, o Y, possuindo uma utilização quase exclusivamente algebrica, representa para o tradutor um obstáculo insuperável.

dessas sombras de carícias que poisam sobre os meus ombros, dessas doçuras que duram na palma das minhas mãos, nos meus lábios, e desses vigores que renascem nos meus membros, possa eu desses desejos, dessas vontades contentes e mal apaziguadas, fazer coisa tão estranha e tão nitidamente contemplada como estas luzes separadas! Existe um imenso amontoado de ilhas e de pontos vivos dispersos. Total. A vista permite pensar o total.

**Z** énite.

No seio da profunda noite.

Uma hora e meia. Acordo e levanto-me e ando,  
e de casaco sobre os ombros abro a pequena janela  
quadrada, baixa. Todo o diadema/desastre/sistema Órion está em  
ascensão, culminará dentro de uma hora. Quem poderá decifrar?...

E no entanto é a hora, o despertar, o *desperta!* onde deveria  
falar o que tem qualquer coisa a dizer...

Aqui está uma orelha, uma boca, um testemunho, um posto,

uma escuta, com que traduzir. Uma inteligência em ordem de marcha, uma atenção, um silêncio e uma limpidez...

A água profunda do mundo a esta hora está tão calma, a água das coisas-Espírito tão transparente como espaço-tempo puro. Tão límpida que devia ser possível vislumbrar Aquele que sonha tudo isto.

Mas não há nada senão o que é e nada mais, nada senão o que é e escorre uniformemente.

Ó cintura *Zona* Que significam Tu e Eu?

## Cólofon

Para esta edição de "Alfabeto" de Paul Valéry, usamos o tipo Didot, um elogio à dinastia Didot, que marcou ao longo de cinco gerações a qualidade da tipografia francesa. Foi iniciada em Paris por François Didot (1699-1757), mas foi o seu neto, Firmin Didot (1764-1836), o mais notável tipógrafo desta família de impressores, editores e fundidores de tipos. Em 1783, a fundição Didot trabalhou uma fonte tipográfica do tipo romana, moderna e inovadora. O tipo Didot, como ficou conhecido, foi utilizado para imprimir obras, tais como a Bíblia em latim de 1785. "Alfabeto", foi impresso em offset sobre papel Soporcet 90 gsm, e capa dura revestida a papel Brillianta Almoline estampado a prata, foi concluída a sua produção em Maio de 2010, nas oficinas da Gráfica de Coimbra, Lda.

(Página deixada propositadamente em branco)

I  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS  
U

li

---

